

AS RELAÇÕES DE MANUEL SEVERIM DE FARIA¹

Jorge Pedro Sousa

Professor Associado

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UFP

j.p.sousa@mail.telepac.pt

Gabriel Silva

Mestrando

Jornalismo

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UFP

Mônica Delicato

Mestranda

Jornalismo

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UFP

Nair Silva

Mestranda

Jornalismo

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UFP

RESUMO

Este texto, extraído de um trabalho de maior dimensão, consiste numa apresentação e análise das *Relações* de Manuel Severim de Faria, publicações noticiosas do início do segundo quartel do século XVII. Foi intenção dos autores evidenciar o contributo dessas *Relações* para a génese e desenvolvimento do jornalismo lusófono, enfatizando, em especial, as suas características noticiosas e de difusão pública de informação, consideradas como sendo valências identitárias do jornalismo.

ABSTRACT

This text, extracted from a work of bigger dimension, consists on a presentation and analysis of the *Relações* of Manuel Severim de Faria, news publications from the beginning of the 17th Century. It was intention of the authors show up the contribution of those *Relações* to the development of the journalism in Portugal, emphasizing its characteristics of public diffusion of information, considered by the authors as being the most important attribute of journalism identity.

¹ Pesquisa financiada pela Fundação de Ensino e Cultura Fernando Pessoa.

1. INTRODUÇÃO

No final do primeiro quartel do século XVII, numa época em que o Mundo Ocidental vivia os tempos conturbados de entrada na Idade Moderna e em que Portugal tinha perdido a sua independência, diluindo-se no Império Espanhol dos Filipes, um erudito português, chamado Manuel Severim de Faria, chantre na Sé de Évora, usando o pseudónimo Francisco de Abreu, mandou imprimir duas *Relações* multitemáticas de notícias. A primeira foi impressa em Lisboa, em 1626, e reimpressa em Braga, em 1627. A segunda foi impressa em Évora, em 1628.

As *Relações* de Manuel Severim de Faria têm sido referidas em vários textos historiográficos do jornalismo e da literatura e entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX mereceram mesmo empolgantes discussões sobre se teriam ou não primazia sobre as chamadas *Gazetas* da Restauração na génese do jornalismo lusófono (por exemplo: Bessa, 1904: 143-146; Cunha, 1929/1930: 358-367; Cunha, 1939: 3-25; Cunha, 1941: 37 e 43-45; Cunha, 1942 a: 8-19; Cunha, 1932: 220-232). No entanto, tanto quanto pudemos apurar, nunca foram estudadas com profundidade nem sob a perspectiva comunicológica e nas referências que lhes foram sendo feitas encontramos muitas inexactidões. Este trabalho teve, assim, como objectivo, procurar descrever e entender os conteúdos e formatos dessas publicações, debatendo-os à luz do que convencionalmente podemos considerar como o campo dos Estudos Jornalísticos.

As perguntas de investigação que orientaram, genericamente, a investigação foram as seguintes:

- 1) Podem considerar-se as *Relações* de Manuel Severim de Faria dispositivos jornalísticos impressos, em concreto, jornais, e, conseqüentemente, os primeiros jornais impressos portugueses (pelo menos entre os que chegaram até nós)?
- 2) Como se apresentavam as *Relações* (aspecto físico, design, conteúdos e formato dos conteúdos)?
- 3) Como as *Relações* reflectem discursivamente a conjuntura da época?

Para o desenvolvimento da investigação, fez-se um levantamento bibliográfico dos materiais que se referem às *Relações* nas principais bibliotecas portuguesas e desenvolveu-se uma análise do discurso das *Relações*, qualitativa e quantitativa.

2. APRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES DE MANUEL SEVERIM DE FARIA

As *Relações* de Manuel Severim de Faria (escritas sob o pseudónimo Francisco d'Abreu) são três opúsculos noticiosos impressos, multitemáticos, publicados em 1626, 1627 e 1628. O número de 1627 é, porém, uma reedição do número de 1626, com algumas diferenças pontuais, atribuíveis ao compositor que preparou a impressão tipográfica ou a uma eventual revisão do texto pelo próprio autor.

As referidas *Relações* são uma espécie de *anuários* noticiosos, autênticas colectâneas de notícias sobre acontecimentos passados num determinado período de tempo. Numa época em que as finalidades e fronteiras do jornalismo emergente não estavam bem definidas, as *Relações* de Severim de Faria tinham, certamente, uma intenção simultaneamente historiográfica e jornalística. Podem, assim, considerar-se como partilhando da tradição dos livros noticiosos, popularizados com o nome de mercúrios, de que são uma manifestação tardia e já contaminada com características do jornalismo periódico mais frequente, que então dava os primeiros passos com a aparição das gazetas.

As *Relações* impressas de Severim de Faria fazem parte da obra maior *História Portuguesa e de Outras Províncias do Ocidente, Desde o Ano de 1610 Até o de 1640 da Feliz Aclamação d'El Rei D. João o IV Escrita em Trinta e Uma Relações*, do mesmo autor, que integra 31 relações manuscritas, de que foram impressas a 16ª (*Relação Universal...*, de 1626, reeditada em 1627) e a 17ª (*Relação do Que Sucedeu...*, de 1628).

As *Relações* impressas de Manuel Severim de Faria (incluindo a reedição do primeiro número) apresentam-se em papel de linho e em formato de quarto (dimensões de cerca de 14 X 20 cm, sensivelmente o formato A5). Não possuem capa individualizada e dura (todas as páginas, incluindo a um e a última, são no mesmo papel). O design é simples e em tudo semelhante ao dos livros da mesma época, até porque, para os homens do início do século XVII, provavelmente não haveria grandes diferenças entre as *Relações* e um livro: as primeiras seriam apenas mais um “livro”, ou, mais precisamente, uma nova publicação.

As *Relações* têm uma página um (frontispício) em que surge o título (as primeiras linhas apenas em maiúsculas – caixa alta – e as restantes, normalmente, em maiúsculas e minúsculas – caixa alta e baixa), o nome do autor, uma gravura xilográfica ilustrativa (apenas as duas edições do primeiro número), a data e o local de impressão e o impressor. Nas duas edições do primeiro número, é ainda incluída na “um” a menção “com todas as licenças necessárias”. O segundo número, impresso em Évora, tem uma dedicatória na primeira página.

A segunda página insere as licenças e as taxas (na primeira edição da primeira *Relação* há duas páginas com menções a licenças).

A partir da página 3, surgem as notícias, seguidas, impressas a uma só coluna, sem qualquer intervalo umas das outras (apenas se iniciam em parágrafos diferentes) e, no primeiro número, sem qualquer outra distinção gráfica (no segundo, as notícias são expostas país a país).

O texto noticioso começa, em todas as três *Relações*, com uma letra capitular. Apenas é usado um tipo de letra, gótico, em cada uma das *Relações*, embora as licenças sejam grafadas em itálico e o resto do texto em normal, separando, graficamente, o texto “administrativo” do conteúdo noticioso. As citações directas (várias em latim) também são grafadas em itálico. Os parágrafos assinalam-se com uma tabulação de dois/três espaços para a direita. No segundo número das *Relações*, como se disse, a informação é segmentada por países, um arremedo das secções do jornal moderno. As margens espaciais que

rodeiam a mancha gráfica são suficientemente largas para o olhar repousar. Não há qualquer inserção de publicidade. A impressão geral apontada graficamente pelas *Relações* é de ordem racional, organização, clareza, repouso para o olhar, sobriedade gráfica. As *Relações* parecem dirigir-se a um público ponderado, com tempo para consumir a informação e reflectir racionalmente sobre ela. Mesmo que os conteúdos revelem um mundo agressivo, imprevisível, ameaçador, caótico, a sugestão gráfica invoca controlo sobre ele.

A primeira das *Relações*, conforme descrito no respectivo título, compreende notícias de Março de 1625 a Setembro de 1626. Foi impressa em Lisboa, em 1626, e reimpressa em Braga, em 1627, embora, como dissemos, com pontuais alterações no conteúdo e algumas diferenças de transcrição (ver apêndices 1 e 2). O título do segundo número das *Relações* esclarece que este abarca notícias do período entre Março de 1626 e Agosto de 1627, havendo, portanto, uma sobreposição temporal no noticiário, o que demonstra que o chantre de Évora não tinha grandes preocupações com o balizamento temporal sucessivo das suas *Relações*.

É de destacar que, formalmente, o título de cada uma das *Relações* de Severim de Faria é individualizado, situando-se em todas elas no cabeçalho da primeira página (ou frontispício). O título identifica-se com o conteúdo, o que fortalece a identidade das publicações.

QUADRO 1. SINOPSE DAS *RELAÇÕES*

Título	Autor referenciado	Ano de edição	Local de edição	Impressor	N.º de páginas
<i>Relação Universal do Que Sucedeu em Portugal & Mais Províncias do Ocidente e Oriente, Desde o Mês de Março de 625 Até Todo Setembro de 626. Contém Muitas Particularidades & Curiosidades. (1ª edição)</i>	Francisco d'Abreu, natural desta Cidade de Lisboa	1626	Lisboa	Geraldo da Vinha	32
<i>Relação Universal do Que Sucedeu em Portugal & Mais Províncias do Ocidente e Oriente, Desde o Mês de Março de 625 Até Todo Setembro de 626. Contém Muitas Particularidades & Curiosidades. (2ª edição)</i>	Francisco d'Abreu, natural da Cidade de Lisboa	1627	Braga	Fruitoso Lourenço de Basto	32
Relação do Que Sucedeu em Portugal e Nas Mais Províncias do Ocidente e Oriente Desde Março de 1626, Até Agosto de 1627	Francisco de Abreu, natural da cidade de Lisboa	1628	Évora	Manuel Carvalho, impressor da Universidade	18
<p>Observações à <i>Relação</i> de 1628: É dedicada, na página um, a Gil de Nicola, cavaleiro francês, ostentando na “um” a seguinte dedicatória: “A V. M. [Vossa Mercê] por curioso se deve a dedicação desta relação, e eu por obrigado não podia deixar de dedicar-lha, se se atenta o ânimo com que ofereço, ainda que em si pequena oferta se avaliará por grande dádiva. Receba-me V. M. a vontade de lhe dar gosto, e terei por grande satisfação, o tê-lo V. M. em sua leitura. Guarde Deus a V. M. Etc.”</p>					

A questão da reedição do primeiro número das *Relações* é interessante. Se houve uma reedição, é porque a primeira edição circulou bastante e teve tiragem insuficiente, sendo necessária uma segunda edição. Poderá ainda ter-se dado o caso de poucos exemplares terem chegado ao Norte do país, o que possibilitou fazer-se a reimpressão, em Braga.

Uma nota de estranheza, também notada por Alfredo da Cunha (1932: 226), é a de que as licenças para a circulação do primeiro número das *Relações* são de Abril de 1626, mas a publicação abrange o período até Setembro de 1626, o que faz supor, hipoteticamente, que houve notícias que escaparam à censura, talvez devido à confiança dos censores, prelados, no igualmente prelado Manuel Severim de Faria.

É de salientar que as *Relações* de Severim de Faria foram feitas para circularem e serem vendidas, como o comprovam as taxas pagas. Esta característica aproxima-as dos dispositivos jornalísticos impressos contemporâneos.

3. ASPECTOS ESSENCIAIS DO DISCURSO DAS RELAÇÕES

Observadas global e qualitativamente, podemos dizer que as *Relações* de Manuel Severim de Faria são, essencialmente, um registo de vários acontecimentos ocorridos em Portugal, em Espanha e noutros pontos do mundo, um sumário de notícias de factos independentes e aparentemente esporádicos, não encadeados, mas apresentados em sucessão e, por vezes, analisados, comentados, enquadrados em função da religiosidade e de outros elementos da cultura e conhecimentos da época. No fundo, as *Relações* são uma espécie de historiografia do quotidiano, distinta da construção da História propriamente dita, mas já fonte para essa mesma História, em sintonia com o que disse Beltrão sobre o jornalismo (1992: 71).

Em termos de noticiabilidade, as *Relações* não se afastam muito do que encontraríamos em jornais actuais. Há notícias negativas, evocando, muitas delas, a morte; notícias que destacam o valor-notícia da proximidade; notícias sobre personagens e países de elite; notícias de significado claro para os portugueses do século XVII e consonantes com o esperado; notícias insólitas; notícias sobre desenvolvimentos de assuntos já abordados noutras relações; e notícias fortes em vários critérios de noticiabilidade. São relatados acontecimentos mundanos da corte de Madrid; nascimentos, falecimentos, nomeações e feitos de personalidades importantes; as consequências engraçadas da falta de coches em Lisboa; a fundação da Companhia das Índias e os desenvolvimentos deste processo; as lutas travadas nos domínios ultramarinos de Portugal e no mar; os preparativos para a defesa de Portugal; ocorrências bizarras, como o nascimento de animais deformados; acidentes e catástrofes, como tempestades, naufrágios, inundações, intempéries e desabamentos de habitações; guerras e batalhas travadas por toda a Europa (até porque os Filipes dominavam territórios na Europa central e eram aliados naturais, por laços familiares, dos Habsburgos alemães, que detinham a Coroa do Sacro-Império), etc. Esse facto acentua a dimensão cultural – “intemporal” – da noticiabilidade, a ideia de que há novidade sem mudança (Philips, 1976), apesar de o enquadramento do mundo poder variar face à forma específica com que cada sociedade olha para ele num determinado momento histórico.

É possível asseverar, assim, que a leitura das *Relações* permitia aos seus leitores confirmar uma visão do mundo. A representação da realidade do início do século XVII construída discursivamente pelas *Relações* de Manuel Severim de Faria é, simultaneamente, multifacetada e realista, no sentido que dá sinais relevantes e pertinentes do que se passava. Mas também é uma representação da realidade assente no que se conhecia, culturalmente integrada na perspectiva com que na época se olhava para o mundo a partir de Portugal, onde se notam os *arquétipos de sentido* (a estrutura social, a intervenção divina, a comunidade em perigo, os heróis e vilões da história, “nós” e “eles...”) que enformavam a consciência colectiva, a cultura, a forma de olhar para o mundo dos portugueses de Seiscentos.

De realçar que a rígida estrutura social do século XVII, em que a mobilidade social ascendente era difícil, é simbolicamente reforçada nas *Relações*, podendo-se, em consequência, ver nelas uma dimensão ideológica. Além da deferência registada para com o Rei (por exemplo, a nomeação de portugueses para o Conselho de Estado e Conselho de Guerra em Castela levou Severim de Faria a opinar que ela demonstrava o “grande amor que Sua Majestade tem pelos Portugueses”), deve notar-se que os fidalgos e eclesiásticos tendem a ser individualizados no discurso (pelo nome, categoria e/ou cargo, por exemplo: “o senhor Arcebispo Primaz de Espanha, Dom Afonso Furtado de Mendonça, eleito Arcebispo de Lisboa”), enquanto as figuras do povo são, normalmente, diluídas em substantivos colectivos (“soldados”, “mulheres...”). Esta personalização do relato, técnica discursiva corrente no jornalismo, remete para a evocação da individualidade e para a noção de individualismo. Além disso, os nobres e, em particular, o Rei, são perspectivados como sendo os que agem com poder para agir, devendo ser seguidos e obedecidos, como ilustra o seguinte excerto: “Está ainda com geral aplauso o governo de Portugal, nos condes D. Diogo de Castro e Dom Diogo da Silva (...) aos quais *deu Sua Majestade* por companheiro no governo o senhor Arcebispo Primaz de Espanha, Dom Afonso Furtado de Mendonça.” [itálico nosso]

É de salientar que a impressão das *Relações* obrigou à obtenção prévia de licenças de impressão e implicou a censura dos exemplares. Poder-se-ia pensar que essa seria uma das razões para as *Relações* não beliscarem a estrutura social. Propomos, porém, uma leitura diferente, pois a forma impressa das *Relações* não se afasta da forma manuscrita. A nossa interpretação é a de que as *Relações* reflectem a forma como as elites portuguesas, de que Manuel Severim de Faria, não o esqueçamos, fazia parte, olhavam para o mundo. Daí que nem sequer o empolamento discursivo enaltecendo Portugal e da sua individualidade como Reino tenha feito descer o lápis do censor sobre as *Relações* impressas de Manuel Severim de Faria.

Por outro lado, o carácter ameaçador do mundo é reforçado pela grande quantidade de matérias em que os vários “nós” (portugueses; portugueses e seus aliados, nomeadamente espanhóis; católicos...) se opõem aos vários “eles” (espanhóis, inimigos vários, nomeadamente ingleses, holandeses e magrebinos; protestantes e membros de confissões não católicas...). Não há assim a definição simbólica de uma única comunidade, mas de várias comunidades entrecruzadas, desenhadas discursivamente por oposição às restantes.

3.1. AMBIÇÃO NOTICIOSA

O principal registo discursivo das *Relações*, e o que mais importa sublinhar, é a intenção informativa, manifestada num conteúdo manifestamente noticioso, conforme podemos observar pela recolha de alguns exemplos de notícias das duas *Relações* no quadro 2:

QUADRO 2. EXEMPLOS DE NOTÍCIAS NAS *RELAÇÕES*

1º número	2º número
Entraram de novo no Conselho de Estado de Portugal Nuno de Mendonça, presidente da Mesa da Consciência, o Conde da Ericeira, D. Diogo de Meneses, e o Conde de Santa Cruz. O mesmo lugar deu Sua Majestade a D. Henrique da Silva, Conde de Portalegre, e o fez Marquês de Gouveia, e a D. António de Ataíde, Conde de Castro d'Aire."	"Em Abril de 1626, alcançou o governador D. Diogo de Castro licença para ir a seus negócios particulares à Corte, conservando o título de governador e foi bem recebido e ouvido de S. Majestade, e continua em Madrid até ao presente."
"Faleceu, em Março de 1625, D. Jerónimo de Azevedo, Vice-Rei que foi da Índia, na prisão do castelo de Lisboa."	"Em Junho se levantaram alguns cativos portugueses com um navio de Argel, e matando os turcos, com bravo ânimo e ventura, sendo desiguais no número, e sem armas, entraram com o baixel em Lisboa, que era de grande porte, e reconhecendo a felicidade deste sucesso à nossa Senhora, foram em procissão à sua casa de Penha de França, que está na mesma cidade, onde por troféu deixaram a bandeira turca."
"A 21 de Novembro de 1625, na corte de Madrid, pariu a Rainha Nossa Senhora uma filha."	Está nomeado para governador da ilha da Madeira D. Francisco de Sousa; para a ilha de S. Miguel, D. Rodrigo Lobo; para Cabo Verde, João Pereira Corte Real, que no ano passado veio por capitão-mor das naus da Índia."
"No mês de Agosto deste presente ano de 1626, foi Nosso Senhor servido de dar ao Exército Católico da Alemanha e ao seu general, o valoroso Conde de Tilly, uma notável vitória [a de Lutter] contra o Rei da Dinamarca [Cristiano IV]."	"Na Frísia se perdeu a cidade de Grol, que os inimigos de Espanha tomaram por cerco, com condições honestas pelos nossos lhe não puderem acudir, por mais que o tentassem."

Os dados do quadro 2 suportam, de facto, a ideia de que as *Relações* eram essencialmente noticiosas, tendo por máxima ambição propagar notícias. Aliás, apesar dos excertos que propõem enquadramentos religiosos, míticos ou outros às notícias e do estilo, diferente do actual, as matérias noticiosas das *Relações* tendem a estruturar-se, tal como as actuais, em torno de uma rede de facticidade (Tuchman, 1978), conforme podemos observar em duas notícias inseridas no quadro 3. É possível, assim, afirmar que já no século XVII os noticiaristas procuravam reflectir o mais fielmente possível a realidade nas notícias, apresentando factos em sucessão nos relatos noticiosos, o que evidencia que este traço da cultura profissional dos jornalistas tem raízes históricas profundas.

QUADRO 3. REDE DE FACTICIDADE EM NOTÍCIAS DAS *RELAÇÕES*

Facto	Exemplo de notícia do 1º número	Exemplo de notícia do 2º número
1	Entraram de novo no Conselho de Estado de Portugal Nuno de Mendonça, presidente da Mesa da Consciência, o conde da Ericeira, D. Diogo de Meneses, e o Conde de Santa Cruz, e o mesmo lugar deu Sua Majestade a D. Henrique da Silva, Conde de Portalegre	Em Abril de 1626, alcançou o governador D. Diogo de Castro licença para ir a seus negócios particulares à Corte, conservando o título de governador
2	e o fez marquês de Gouveia	(...) e continua em Madrid até ao presente.
3	e a D. António de Ataíde, conde de Castro d'Aire (...).	Entretanto, ficou governando o conde D. Diogo da Silva até que em Setembro chegou o Senhor Arcebispo então eleito de Lisboa, D. Afonso Furtado de Mendonça, a quem Sua Majestade tinha nomeado por governador.
4	Atentou-se no Conselho de Estado que, para remediar as conquistas fora da barra, o melhor meio que havia era ordenar em Lisboa uma companhia de comércio ao modo da que em Holanda fizeram as Províncias rebeldes, na qual fosse toda a mercância livre e se desse a cada parte a razão da quantia de dinheiro com que entrasse.	Continuou o conde D. Diogo da Silva no governo até 6 de Abril de 1627,
5	E que esta companhia mandasse as frotas à Índia, Guiné e Brasil, e que pagando somente Sua Majestade seus direitos, os lugares nas naus, os fretes, as tomadias, e tudo o mais que resultasse do comércio ficasse das partes.	em que as naus saíram barra fora,
6	E que o governo da companhia consistisse no Presidente da Câmara de Lisboa e seus vereadores, com mais quatro deputados, dois fidalgos e dois homens de negócio.	e no mesmo dia retirou (...) a Loures, onde esteve alguns dias no mosteiro dos Capuchos da Arrábida, da Ordem de São Francisco.
7	E porque para isso era necessário grande cabedal, mandou Sua Majestade três ministros seus (...) pelo Reino, com cartas a todas as câmaras, em que lhes pedia que contribuissem para este efeito.	E daí foi para Condeixa, junto a Coimbra.
8	E posto que desta diligência se tem consignado passante de trezentos mil cruzados, contudo ainda não se acaba de concluir esta obra (...).	Não puderam acabar com o conde rogos de amigos, nem de parentes, nem outros maiores, que não deixasse o governo.

O quadro 3 mostra-nos, ainda, que o estilo das *Relações* é, essencialmente, o de um realismo antes do Realismo, onde é claro o efeito do real sobre a narrativa, ou seja, a intenção de representar fielmente a realidade nos textos, sobrepondo-a às subjectividades dos diferentes leitores.

Finalmente, conforme se constata pela observação do quadro 4, Manuel Severim de Faria procura analisar e opinar sobre a situação vivida, além de também intervir no enquadramento religioso do mundo:

Opinião laudatória político-social	"Está (...) com <i>geral aplauso</i> o Governo de Portugal nos condes D. Diogo de Castro e Dom Diogo da Silva, <i>a cujo zelo e diligência se deve grande parte dos bons sucessos deste ano.</i> " [itálico nosso]
Opinião laudatória político-social	"Em Castela, foi promovido no Conselho de Estado de Espanha (...) Dom Duarte, irmão do Duque de Bragança (...), <i>demonstração grande do amor que Sua Majestade tem aos portugueses, pois não só os escolhe para o governo de sua Real Casa mas ainda para o supremo de sua Monarquia.</i> " [itálico nosso]
Opinião laudatória social	"No estado eclesiástico, vagou o Arcebispado de Lisboa, aos 30 de Junho, por falecimento do Senhor Dom Miguel de Castro, <i>varão que nas virtudes e caridade, piedade, pureza e temperança se pode comparar aos padres da primitiva Igreja.</i> " [itálico nosso]
Análise sócio-económica	"A <i>fertilidades destes dois anos mostrou claramente que sem vir de fora não se podia sustentar o Reino, e porque o cuidado da sua agricultura é grande parte da abundância</i> , mandou Sua Majestade renovar a lei de El-Rei Dom Fernando, ordenando aos corregedores que, por conta das câmaras, fizessem lavrar todas as herdades que estivessem sem lavrador, para que a avareza dos donos não fosse causa da esterilidade da terra."
Análise militar	"(...) se alojaram os fidalgos pelas casas dos arrabaldes, fazendo cada um a gentileza de ficar mais perto da artilharia inimiga, <i>excesso grande, em que deve acudir o general com muito rigor, pelo manifesto perigo em que se põem muitas vezes as pessoas de maior importância no campo, perdendo infrutiferamente as vidas (...).</i> Deste modo recuperámos a Baía, e alcançaremos sempre semelhantes vitórias <i>se se proceder da nossa parte com boa ordem militar, no assentar dos quartéis, fazer das trincheiras, na destreza dos artilheiros, sobretudo na obediência dos soldados.</i> "
Análise aos procedimentos tomados após um naufrágio [os naufrágios eram vulgares]	"Soube-se (...) da miserável perdição do galeão São João na costa do Natal, do qual saindo em terra mais de trezentas pessoas chegaram a Moçambique menos de vinte. <i>Tende por certo que a causa de tão grande mortandade foi a errada resolução que tomaram fazendo o caminho ao longo da praia, coisa que tem custado muito aos nossos, porque as praias não são mais do que areias estéreis, ou penhascos vivos, faltos de fontes e cheios de ribeiras salgadas e inundáveis, por já crescidas se comunicarem com o mar, pelo que a fome, os rios, a aspereza dos caminhos são bastantes para consumir a todos</i> , o que entendeu bem Nuno Velho, quando se perdeu no galeão Santo Alberto e fez viagem pela terra dentro e trouxe sempre a gente sã e farta até chegar prosperamente a Moçambique."
Análise crítica à maneira descuidada de ser e proceder dos portugueses e preocupação pela reputação colectiva do Reino	"Este abominável descuido [inexistência de armas] como que os portugueses vivem fora da barra, com tanta segurança como se estivessem no sertão de Portugal, os tem muitas vezes trazido às maiores misérias do mundo, pois pelejando sem armas com inimigos armados, forçosamente hão-de ser vencidos ou escapar por milagre do Céu, e assim perdem as fazendas e liberdade, não por falta de valor, mas de instrumentos de sua defesa, nos quais se empregassem uma pequena parte do que empregam em outras mercadorias, não perderiam tudo para poupar um pouco, e o que pior é, [não perderíamos] a honra e reputação do (...) Reino."
Enquadramento religioso directo (pecado/castigo)	"Porém, os que ainda continuaram sentiram rigorosamente o castigo, e <i>Portugal e suas conquistas não menos favores do Céu que juízos para sua emenda.</i> "
Enquadramento religioso directo (pecado/castigo)	" <i>Alto e profundo é o juízo de Deus (...) pelo que podemos dizer piamente que estas mortes não foram menos prémio dos que as padeceram que castigo deste Reino.</i> "

Enquadramento religioso directo	<i>"Foi mercê particular que Nossa Senhora quis fazer a este Reino, em recompensa de tantos trabalhos passados."</i>
Enquadramento religioso indirecto	<i>"Em Junho levantaram alguns cativos portugueses com um navio de Argel e matando os turcos, com bravo ânimo e ventura, sendo desiguais no número e sem armas, entraram com o baixel em Lisboa, que era de grande porte, e reconhecendo a felicidade deste sucesso à Nossa Senhora, foram em procissão à Sua casa de Penha de França que está na mesma cidade, onde por troféu deixaram a bandeira turca."</i>
Enquadramento mítico	<i>"As causas superiores destes excessos [instabilidade do clima] causaram também, nos animais, monstruosos partos; qual, entre outros, foi o de uma Ovelha que, em Barcarena, como me contaram pessoas dignas de crédito, pariu um anho com pele de cabra e unha de águia, tendo no rosto um só olho, de grandeza de uma laranja, e debaixo dele outra unha de águia."</i>

Os dados do quadro 4 reforçam a ideia de que apesar da intenção noticiosa e da rede de facticidade em torno da qual se desenham as notícias, Manuel Severim de Faria deixa-se, por vezes, envolver com o objecto do discurso, propondo enquadramentos para o mundo que pressupõem não apenas uma cultura, mas também uma *ideologia*. A imposição de enquadramentos aos discursos determina grelhas de leitura que revelam as percepções de Manuel Severim de Faria sobre o mundo e, em especial, sobre o país, que o autor quer transmitir ao leitor para que este as comungue com ele. As grelhas de leitura do mundo propostas por Severim de Faria apontam, por outro lado, para as possíveis circunstâncias de produção do discurso (por exemplo, os elogios ao Rei, aos governantes e aos eclesiásticos podem ter resultado quer da rede de cumplicidades entre as elites, de que Severim de Faria fazia parte, quer também do peculiar contexto da época).

Identicamente, podemos observar no quadro 4 que os enquadramentos discursivos patentes nas *Relações* de Severim de Faria têm várias modalidades. Há meras opiniões, essencialmente subjectivas, mas também há análises, mais "objectivas" (supremacia do objecto sobre o sujeito) na apreciação da realidade, relacionadas com os mais diversos assuntos, como sejam o julgamento político, a vida social, os acontecimentos militares, os frequentes naufrágios, a conjuntura sócio-económica, etc. Podemos, assim, fazer uma distinção subtil entre opinião (juízo fundamentado numa percepção essencialmente pessoal dos problemas) e análise (correlação de dados, juízo fundamentado empiricamente) na obra do chantre da Sé de Évora. Porém, nas *Relações* abundam, sobretudo, os enquadramentos que dão conta da profunda religiosidade católica que na época marcava a cultura portuguesa e as consequentes visões do mundo, sejam eles directos (visão de Manuel Severim de Faria sobre as coisas) ou indirectos (perspectivas de terceiros relatadas por Manuel Severim de Faria). As propostas de leitura religiosa do mundo cruzam-se, aliás, muitas vezes, com juízos de natureza eminentemente social ou outra.

Em conclusão, é possível sublinhar que Manuel Severim de Faria queria intervir na discussão sobre os rumos que o Reino levava, antecipando, de certa forma, a transferência da *voz da razão* e da *opinião* para os jornais, algo que se viria a fazer sentir com particular acutilância a partir da aparição da imprensa política de partido (*party press*), entre o final do século XVII e o princípio do século XVIII. Nesse sentido, podemos ver em Manuel

Severim de Faria um *opinion maker*, embora a uma escala limitada, proporcional às limitadas tiragens dos jornais impressos da época. Por outro lado, funcionando como “jornalista-analista”, Manuel Severim de Faria antecipa em vários séculos uma tendência do jornalismo especializado contemporâneo (cf. Pinto, 1997).

3.2. AS FONTES DAS NOTÍCIAS NAS RELAÇÕES

São poucas as referências directas às fontes de informação nas notícias. No entanto, Manuel Severim de Faria dá-nos algumas pistas para entendermos como obtinha a informação, como no seguinte excerto, que dá conta dos testemunhos da defesa da Baía contra os holandeses:

“E antes de referirmos a tomada da Baía, daremos brevíssima notícia do desgraçado sucesso da sua perda e do que o governador Diogo de Mendonça fez na defesa da cidade, tendo por testemunhas o sargento-mor (...) e outras pessoas de ser, qualidade e verdade [qualificação das fontes pela pertença às elites] (...) e de cartas que vieram aos padres da Companhia [de Jesus – jesuítas], escapando muitas que não chegaram e onde referiram a verdade do assalto e sua defesa.”

Em primeiro lugar, o chantage da Sé de Évora fazia parte de uma rede de correspondentes que asseguraria a produção, difusão e circulação de notícias. Conhecendo a sua história de vida e a biblioteca que acumulou, é possível que também adquirisse publicações noticiosas estrangeiras, que lhe dariam parte da matéria-prima para a elaboração do noticiário internacional das suas *Relações*.

Em segundo lugar, Manuel Severim de Faria diz-nos que as naus trouxeram “novas (...) da Índia”, que certamente se propagaram e chegaram ao conhecimento do chantage de Évora, que por elas esperaria. Observa-se, conseqüentemente, que os ritmos de chegada e partida dos navios contribuíam para moldar o ritmo de aparecimento de novas notícias. Os tripulantes das naus, os soldados e demais viajantes funcionavam, assim, como fonte noticiosa privilegiada.

Em terceiro lugar, Severim de Faria consultava outras pessoas, ou escrevia aquilo que outras pessoas, conhecendo a sua vocação de noticiário e historiógrafo, lhe contavam por livre iniciativa (Severim de Faria elaborava um *discurso predominantemente secundário*, portanto). Por isso, a propósito do nascimento de animais defeituosos, Manuel Severim de Faria, talvez não muito certo, assevera que isso lhe foi contado por “pessoas dignas de crédito”, legitimando, assim, a sua voz através da qualificação da voz da fonte. Essa estratégia defensiva de remeter a responsabilidade da informação para a fonte é, aliás, comum no jornalismo contemporâneo, destinando-se a defender estrategicamente os jornalistas de críticas, processos judiciais e acusações, como muito bem documentou Tuchman (1978).

Em quarto lugar, Manuel Severim de Faria é a fonte dos acontecimentos que ele próprio presencia e narra, como os exercícios militares e demais preparativos de defesa do Reino, em particular de Lisboa e região limítrofe.

Finalmente, deve dizer-se que as fontes são sempre citadas sob a forma de paráfrase, com excepção de duas citações, uma bíblica e a outra de um decreto religioso.

3.3. ALGUNS ASPECTOS QUANTIFICÁVEIS DO DISCURSO DAS RELAÇÕES

O facto de as *Relações* serem, essencialmente, dispositivos noticiosos, mesmo que tivessem, igualmente, uma ambição historiográfica, fica bem explícito pelos dados do quadro 5.

QUADRO 5. GÉNEROS JORNALÍSTICOS NAS *RELAÇÕES*

	MATÉRIAS			
	1ª Relação	2ª Relação	Total	
	N.º	N.º	N.º	%
Notícia factual curta (até 4 períodos)	21	13	34	29,06
Notícia factual longa (5 ou mais períodos)	11	21	32	27,35
Notícia comentada curta (até 4 períodos)	12	6	18	15,38
Notícia comentada longa (5 ou mais períodos)	17	16	33	28,21
Outros géneros	0	0	0	0
Total			117	100

Observando o quadro 5, verificamos, de facto, que todas as matérias das *Relações* podem ser classificadas como notícias. Sabemos, e as *Relações* de Manuel Severim de Faria confirmam-no, que o jornalismo nasceu noticioso, sendo a notícia o seu género inicial e diferenciador.

Por outro lado, a maior parte das notícias das *Relações* foram classificadas como “longas” (65 matérias; 55,55%), ou seja, têm 5 ou mais períodos. Em consequência, é possível dizer que, apesar das limitações de espaço, o autor das *Relações* procurou que a maioria das notícias fossem suficientemente detalhadas e completas para saciarem informativamente o leitor, prejudicando o número de notícias que poderia publicar em favor da extensão das mesmas.

51 matérias (43,59%) são comentadas, mesmo quando contêm informação factual. Em concreto, é possível afirmar, face aos dados apresentados, que a inexistência, ou carácter meramente embrionário, da noção jornalística contemporânea de separação entre informação e opinião e a própria escassez de informações, que promove a complementação dessas mesmas informações através do comentário, estejam entre as razões que levaram à publicação de 43,59% de notícias comentadas entre todas as matérias das *Relações*.

	Matérias			
	1ª Relação	2ª Relação	Total	
	N.º	N.º	N.º	%
Matérias sobre acontecimentos ocorridos em Portugal	19	13	32	27,35
Matérias sobre acontecimentos ocorridos em domínios do Reino de Portugal fora do continente europeu	12	6	18	15,38
Matérias sobre acontecimentos ocorridos fora dos domínios do Reino de Portugal mas com envolvimento de portugueses	7	14	21	17,95
Matérias sobre outros acontecimentos	23	23	46	39,32
Total			117	100

Apesar de, segundo os dados do quadro 6, predominarem, nas *Relações*, as matérias sobre Portugal e os portugueses (71 matérias, 60,68% do total), por razões como a proximidade e a identidade de autor e leitores, é de destacar a elevada percentagem de notícias (46 notícias; 39,32%) sobre acontecimentos ocorridos no estrangeiro sem envolvimento de portugueses. Por um lado, as circunstâncias peculiares da Monarquia Dual teriam levado a uma grande atenção ao que se passava em Espanha e nos territórios dependentes da Coroa espanhola, bem como aos conflitos em que, na Europa, Espanha estava envolvida; por outro lado, emana das *Relações* a consciência de pertença à Europa, o que teria acentuado o interesse pela informação internacional europeia, até porque a Europa era palco de conflitos, nos quais Portugal, de resto, poderia ser envolvido, e as guerras sempre despertaram o interesse do homem (relembre-se que algumas das primeiras manifestações literárias, como a *Ilíada*, e literário-religiosas, como os livros do Antigo Testamento, estão cheios de referências bélicas). Finalmente, as circunstâncias associadas aos Descobrimentos e à “promulgação do Evangelho” no mundo, a que Manuel Severim de Faria alude com frequência, também terão favorecido a produção e inserção de notícias internacionais.

QUADRO 7. PROTAGONISMO NOTICIOSO GEOGRÁFICO

	N.º de referências			
	1ª Relação	2ª Relação	Total	
	N.º	N.º	N.º	%
Portugal (como país)	12	8	20	4,16
Espanha (como país)	24	10	34	7,08
Outros países	35	53	88	18,39
Lisboa	25	16	41	8,54

	N.º de referências			
	1ª Relação	2ª Relação	Total	
	N.º	N.º	N.º	%
Porto	3	0	3	0,62
Braga	0	1	1	0,20
Coimbra	6	1	7	1,46
Évora	1	2	3	0,62
Outras localidades, províncias e regiões portuguesas	42	9	51	10,62
Localidades, províncias e territórios em possessões portuguesas fora do continente europeu	59	23	82	17,08
Madrid	6	3	9	1,87
Outras localidades, províncias e territórios espanhóis na Península Ibérica	40	8	48	10
Localidades, províncias e territórios em possessões espanholas fora da Península Ibérica	8	5	13	2,70
Outras localidades, países, territórios e províncias	33	47	80	16,66
Total			480	100

Atentando na informação sistematizada no quadro 7, verifica-se que, presumivelmente por razões de proximidade, nas matérias das *Relações* relevam-se Portugal e as localidades, províncias e territórios portugueses (208 referências; 43,33% do total), com destaque para Lisboa (8,54% das referências), onde Manuel Severim de Faria vivia, segundo nos indicia no texto, quando escreveu as *Relações* aqui analisadas. Évora, sua terra, é pouco referida (3 menções; 0,62% do total de referências) e, numa época em que, ao contrário da actualidade, várias cidades competiam pelo estatuto de “segunda cidade” do Reino, Coimbra, por exemplo, é muito mais referida do que o Porto. Há também um vasto conjunto de referências a Espanha e a terras da Coroa espanhola (21,65%), mas poucas a Madrid (1,87% das referências), apesar desta cidade ser a capital da Monarquia Dual, o que pode indiciar ou que os principais acontecimentos, na perspectiva dos portugueses do início de Seiscentos, não ocorriam em Madrid, ou que havia um certo desinteresse pelos assuntos da Coroa castelhana.

É de destacar que 35,05% das referências respeitam a países, regiões e localidades fora dos domínios da Monarquia filipina, pelo que, em consonância com os dados, se pode dizer que há uma grande atenção ao estrangeiro, quer por causa dos Descobrimientos, quer por causa das actividades missionárias, quer ainda por causa dos tempos conturbados que a Europa, no seu todo, vivia (não podendo ser ignorados, neste pormenor, os interesses europeus da Monarquia Dual), sendo que as *Relações* reflectem a conjuntura da época.

QUADRO 8. TEMAS PREDOMINANTES DAS MATÉRIAS

	Matérias			
	1ª Relação	2ª Relação	Total	
	N.º	N.º	N.º	%
Vida política e administrativa	13	15	28	23,93
Vida social e religiosa	19	15	34	29,06
Vida económica	3	0	3	2,56
Vida militar e conflitos bélicos	22	20	42	35,90
Catástrofes naturais e acidentes	5	3	8	6,84
Doenças e fome	0	1	1	0,855
Crimes	0	0	0	0
Acontecimentos insólitos	0	1	1	0,855
Total			117	100

NOTA: A CLASSIFICAÇÃO DAS MATÉRIAS DIZ RESPEITO APENAS AO TEMA PREDOMINANTE DAS NOTÍCIAS. ASSIM, POR EXEMPLO, UMA NOTÍCIA NA PRIMEIRA *RELAÇÃO* SOBRE O NASCIMENTO DE ANIMAIS DEFORMADOS ENLOBADA NUMA NOTÍCIA SOBRE INTEMPÉRIES E SECAS AO LONGO DO ANO FOI CONTABILIZADA COMO SENDO UMA NOTÍCIA SOBRE “CATÁSTROFES NATURAIS E ACIDENTES” E NÃO COMO SENDO UMA NOTÍCIA SOBRE “ACONTECIMENTOS INSÓLITOS”.

Podemos inferir, pelo quadro 8, que o noticiário das *Relações* é relativamente pouco equilibrado, centrando-se nos conflitos bélicos (35,9% das matérias), na política e administração (23,93% das matérias) e na vida social e religiosa (29,06% das matérias), sendo que, neste caso, se deve assumir que a religião era, no início do século XVII, o principal traço da vida social (missas, procissões, festas religiosas...). O equilíbrio do noticiário era um critério de noticiabilidade com pouco sentido nesses dias, excepção feita ao equilíbrio entre matérias sobre política e administração, conflitos bélicos e vida social e religiosa.

Em termos do que foi notícia, as *Relações* não se afastam muito daquilo que, estruturalmente, hoje é notícia nos jornais generalistas. Os padrões de noticiabilidade, conforme argumenta Stephens (1988), têm-se mantido estáveis ao longo do tempo. Ontem como hoje a política e a administração dos países, a guerra e os acontecimentos relevantes da vida em comunidade ocupam grande parte das notícias.

QUADRO 9. PROTAGONISTAS DAS NOTÍCIAS

	N.º de referências			
	1ª Relação	2ª Relação	Total	
	N.º	N.º	N.º	%
Rei e Rainha	83	66	149	16,34
Nobres	199	109	308	33,77
Clérigos	63	42	105	11,51
Soldados	211	46	257	28,18
Burgueses (homens de negócios, comerciantes, “empresários”...)	5	5	10	1,10

	N.º de referências			
	1ª Relação	2ª Relação	Total	
	N.º	N.º	N.º	%
Povo	64	19	83	9,10
Total			912	100

O quadro 9 mostra que a história narrada nas *Relações* é um história das elites e uma história bélica. Pode, portanto, aceitar-se a ideia de que ontem como hoje muitas das notícias são sobre actores sociais dominantes.

QUADRO 10. PROTAGONISMO DOS GÉNEROS NAS *RELAÇÕES*

	N.º de referências			
	1ª Relação	2ª Relação	Total	
	N.º	N.º	N.º	%
Protagonistas femininas individuais	12	6	18	1,34
Protagonistas femininas colectivas	4	3	7	0,52
Protagonistas masculinos individuais	401	199	600	44,54
Protagonistas masculinos colectivos	329	76	405	30,07
Protagonistas institucionais e similares	143	40	183	13,59
Outros protagonistas colectivos	78	56	134	9,94
Total			1 347	100

Finalmente, os dados do quadro 10 evidenciam que a história construída nas *Relações* é uma história no masculino (74,61% das referências) e bastante personalizada (45,88% das referências a entidades dizem respeito a pessoas individuais), tal como se suporia tendo em conta as circunstâncias históricas do Antigo Regime.

4. CONCLUSÕES

A principal conclusão que podemos extrair deste trabalho é a de que, num contexto de jornalismo pré-industrial, as *Relações* de Manuel Severim de Faria, uma espécie de *anuários*, podem ser consideradas os primeiros *jornais* portugueses noticiosos e multitemáticos impressos, ou pelo menos são os mais antigos entre aqueles de que se conservam exemplares e registos documentais. Embora não possam ser consideradas como os primeiros *jornais periódicos portugueses*, pois a sua publicação foi ocasional, elas são jornalísticas, pois possuíam aquela que, possivelmente, é a marca mais indelével

do jornalismo: transmitir notícias à distância, servindo um determinado público (foram impressas, precisamente, para levar notícias a um determinado público). Elas noticiam acontecimentos notáveis, recentes (dentro do contexto da época), muitas vezes dramáticos. Apesar de estarem redigidas, no início e no final, sob a forma de cartas pessoais, consequência do aproveitamento das relações manuscritas que serviram para Manuel Severim de Faria, certamente membro de uma rede de pessoas ávidas por informação, se corresponder com vários dos seus contemporâneos ilustres, as *Relações* tinham pouco de pessoal. Elas destinavam-se à difusão pública. Elas visavam, sobretudo, fazer circular publicamente notícias, obtidas de várias fontes. Algumas das notícias das *Relações* poderiam não caber no conceito que hoje em dia temos de “actualidade”, mas, presumivelmente, eram novidades para quem as recebia, que as desconheceria. Sublinhe-se, inclusivamente, que a “actualidade” não é um factor identificador de todo o jornalismo e que permita, só por si, estabelecer uma fronteira entre o que é e não é jornalístico. Comprovam-no quer os documentários e reportagens que aprofundam, analisam, articulam e evocam temas já noticiados quer as reportagens históricas. Aliás, as *Relações* descrevem acontecimentos reais, alguns em profundidade, mais extensiva que compreensivamente, outros sinteticamente, sob a forma de notícias breves, mas todos seleccionados para serem notícia à luz dos mesmos critérios de noticiabilidade que ainda hoje regulam o processo jornalístico. Em alguns casos, as *Relações* exploram, analiticamente, causas e consequências dos acontecimentos, ajuízam, opinam. Em suma, as suas características básicas, deste ponto de vista, não se afastam do que encontraríamos num jornal contemporâneo. Inclusivamente, apesar das liberdades analíticas e estilísticas de Manuel Severim de Faria, destinadas a intensificar e enquadrar (por vezes religiosamente) os relatos, nota-se que os textos foram produzidos com intenção de verdade, rigor e ânimo de fidelidade aos factos, sendo várias as referências rigorosas a datas e locais, as citações directas ou sob a forma de paráfrase, etc. Parece emanar das *Relações* o apego do respectivo autor à verdade e aos factos, seguindo, aliás, a tradição da historiografia iniciada por autores como Tucídides e Xenofonte na Grécia Antiga. O valor jornalístico da verdade no relato é, assim, notoriamente, um valor historicamente consolidado, que transcende, inclusivamente, as fronteiras do jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELO, A. (2001). *As Gazetas e os Livros. A Gazeta de Lisboa e a Vulgarização do Impresso (1715-1760)*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- BELTRÃO, L. (1992). *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*. São Paulo, Editora da USP e Com-Arte [edição original de 1960].
- BESSA, A. (1904). *O Jornalismo. Esboço Histórico da Sua Origem e Desenvolvimento Até aos Nossos Dias*. Lisboa, Livraria Editora Viúva Tavares de Castro.
- CUNHA, A. (1941). *Elementos para a História da Imprensa Periódica Portuguesa (1641-1821)*. Separata das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, classe Letras, 4. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.
- CUNHA, A. (1929-1930). *O Tricentenário da Publicação do Primeiro Periódico Português. As Relações de Manuel Severim de Faria e as Gazetas da Restauração. Comunicação Que o Sócio Correspondente sr. Alfredo da Cunha fez na Sessão da 2ª Classe em 10 de Abril de 1930*. Separata do *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, nova série, vols. I e II: 358-371. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- CUNHA, A. (1939). *Olisipo, Berço do Periodismo Português. O Tricentenário da "Gazeta" Cognominada "da Restauração"*. Separata da revista *Olisipo*, n.ºs. 7 e 8. Lisboa: s.e.
- CUNHA, A. (1941/1942) *Periódicos e Relações, Periodistas e Noticiários*. Separata do *Boletim da Academia de Ciências de Lisboa*, Vol. 13, Dezembro de 1941 [editado em 1942].
- CUNHA, A. (1941). *Relances Sobre os Três Séculos do Jornalismo Português*. In: *Boletim do Sindicato Nacional dos Jornalistas*, n.º 4 (Comemorativo do Tricentenário da *Gazeta*), Outubro/Novembro/Dezembro de 1941, pp. 5 - 11.
- CUNHA, A. (1932). *O Jornalismo. As Relações de Manuel Severim de Faria e as Gazetas da Restauração. Os Mercúrios. Quem Foi o Primeiro Periodista Português*. In: SAMPAIO, Albino Forjaz de. *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*. Vol. III. Lisboa, Bertrand, pp. 220-236.
- PHILLIPS, E. B. (1976). *What is news? Novelty without change?* In: *Journal of Communication*, vol. 26, n.º 4.
- PINTO, R. J. (1997) *The Evolution of the Structure of Political Journalism in Four "Quality" Newspapers (1970-1995)*. Tese de doutoramento não publicada, apresentada à Universidade do Sussex.
- STEPHENS, M. (1988). *A History of News*. New York: Penguin Books.
- TENGARRINHA, J. (1989). *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2ª edição revista e ampliada. Lisboa, Caminho.
- TRAQUINA, N. (2002). *Jornalismo*, Lisboa: Quimera.
- TUCHMAN, G. (1978). *Making News. A Study in the Construction of Reality*. New York, Mac-Millan.